

## 6 Considerações finais

“Muita gente nem acreditava mais em mim. Teve momentos que eu até duvidei, sabe? Depois que eu peguei o resultado, eu falei: chegou a minha vez.”<sup>57</sup>  
Breno<sup>58</sup> – ex-aluno da UnED de Nova Iguaçu do CEFET/RJ

Chegar ao item destinado às considerações finais de uma tese de Doutorado pode sugerir a concepção de que, após os anos dedicados à pesquisa teórica e de campo, um resultado final e conclusivo é, enfim, alcançado, possibilitando, assim, a socialização de seus achados com a comunidade acadêmica. Não pretendo, entretanto, conferir um tom conclusivo e definitivo ao presente trabalho, tampouco postular generalizações que possam ser replicáveis ao estudo de outros contextos sociais. Não considero que a conclusão dessa pesquisa seja uma “linha de chegada”, ou “ponto final” desse percurso investigativo, tendo em vista que toda pesquisa sobre a vida social está sujeita a ressignificações, releituras, tensões e embates. Desde o capítulo introdutório do presente estudo, procurei caracterizá-lo como um lugar de passagem. No trânsito de fluxos e contra-fluxos da pesquisa, ocorre um entrelaçamento de enredos, de posicionamentos teórico-metodológicos e de trajetórias de vida. Continuarei, desse modo, apropriando-me da metáfora da passagem para reconstruir as principais ideias discutidas ao longo do trabalho, rever criticamente o caminho trilhado e apontar encaminhamentos acerca dos próximos passos.

O percurso teórico adotado procurou aliar duas áreas de conhecimento, a meu ver, complementares, tendo em vista a preocupação de ambas em olhar sistematicamente para as práticas e padrões de organização da vida social.

---

<sup>57</sup> Declaração gerada em janeiro de 2012 em conversa entre mim e o ex-aluno em uma das redes sociais da Internet. Na ocasião, o aluno comunicou-me a notícia de que havia sido aprovado para o curso de Administração Pública na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), após ter concorrido à vaga pela nota obtida no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). Breno havia sido jubilado da UnED de Nova Iguaçu do CEFET/RJ por ter sido reprovado na 1ª série do Ensino Médio por dois anos consecutivos.

<sup>58</sup> Nome fictício.

Primeiramente, investi em uma revisão teórica acerca dos estudos narrativos sob uma perspectiva interacional, desde os trabalhos fundadores até as revisões contemporâneas dos modelos pioneiros de se olhar para a organização da experiência humana via padrões narrativos. Foi dada particular ênfase à organização estrutural da narrativa (Labov, 1972), à noção de performance narrativa/identitária e sua relação com a apresentação do *self* (Goffman, 2007 [1975]; Bauman, 1986; Riessman, 1993, 2008) e à concepção da pesquisa como um fazer narrativo. Em um segundo momento, focalizei reflexões advindas das Ciências Sociais, mormente da Antropologia das sociedades complexas. Conceitos bastante caros à discussão antropológica contemporânea foram apresentados, dentre os quais se destacam as noções de projeto (Schutz, 1962; Velho, 1994), *ethos* (Geertz, 1989) e mobilidade social no âmbito das camadas médias (Velho, 2002 [1973]; 2008 [1981]) e das classes populares (Duarte, 1986; Duarte e Gomes, 2008; Lamont, 2000). Destacou-se, também, a notoriedade assumida pelo *ethos* de valorização da educação como meio de ascensão social em boa parte das classes trabalhadoras, para as quais o estudo corresponde ao percurso digno e prestigioso de se superar os signos da precariedade e vislumbrar uma melhoria de vida. A proposta metodológica buscou integrar dois movimentos para a análise e interpretação dos dados: a) a descrição densa e microscópica (Geertz, 1989) do contexto investigado, por meio da utilização de métodos etnográficos familiares à pesquisa social; b) a análise da materialidade discursiva (em especial, dos recursos linguísticos de avaliação ou de metanarração – Labov, 1972; Bauman, 1986) das narrativas dos atores sociais participantes da pesquisa, as quais foram geradas em situação de entrevista. Assumo a noção de que o olhar atento para as performances narrativas dos sujeitos sociais – ou seja, como se apresentam no palco interacional da vida em sociedade via padrões narrativos – aliado à observação direta e prolongada do universo em investigação corresponde a um caminho para a perspectiva êmica do nativo (Duarte & Gomes, 2008).

Foram analisadas vinte e três cenas constituídas das performances narrativas/identitárias de alunos do Ensino Médio/Técnico da UnED de Nova Iguaçu do CEFET/RJ, escola, localizada na Baixada Fluminense, integrante da rede pública federal de ensino profissionalizante de nível médio e importante personagem na minha pesquisa. Essas cenas foram agrupadas em cinco eixos temáticos cuja proposta foi apresentar e discutir, didaticamente, as moralidades

construídas, pela via do discurso, nas performances narrativas/identitárias dos alunos participantes da pesquisa, buscando compreender em que medida esses valores e crenças afiliam-se ao *ethos* que enxerga na educação formal um caminho para a melhoria de vida dos membros das classes trabalhadoras. Três questões de pesquisa nortearam o percurso analítico:

- a) Que valores e imagens de si emergem nas performances narrativas dos alunos da UnED de Nova Iguaçu?
- b) Como a organização da narrativa (em especial os dispositivos avaliativos – ou metanarrativos) contribui para a construção desses valores e imagens de si?
- c) Em que medida esses valores vinculam-se a um *ethos* de ascensão social via escolarização?

O primeiro eixo temático intitulou-se *narrativas de chegada* e objetivou apresentar relatos que tratassem da entrada desses alunos na instituição via processo seletivo discente. As narrativas que tratam da experiência vivida por esses alunos ao serem aprovados no concurso para o CEFET/RJ são carregadas de intensa carga emocional e dramática, construída discursivamente por dispositivos formais de avaliação. A dramatização da emoção vivida pelo aluno e pela coletividade que o circunda (familiares, amigos, integrantes das escolas onde estudaram anteriormente, por exemplo) é tecida por meio de recursos linguísticos tais como fonologia expressiva, alongamento de vogais, alternância no ritmo da fala, emprego da fala relatada, entre outros. A entrada na instituição é caracterizada como um momento de excepcionalidade, o que motiva que essas narrativas de chegada sejam contáveis e se tornem emblemas da felicidade e do orgulho pela aprovação no difícil e concorrido processo seletivo. A chegada ao CEFET/RJ é construída como uma trajetória de auto-afirmação individual que auto-engrandece o aluno aprovado por meio do enaltecimento da luta e da dedicação investidas para se alcançar o objetivo de tornar-se aluno da instituição. É importante ressaltar, entretanto, que nem sempre a chegada ao CEFET/RJ é narrada como um projeto singular, uma escolha planejada por antecipação, ou como um sonho do indivíduo. Por vezes, a entrada na instituição é construída como um episódio ocasional ou motivado por fatores outros não necessariamente

relacionados a uma escolha individual, tais como a proximidade com a residência, as indicações e emergências familiares, etc. Considero, assim, que as narrativas de chegada à UnED de Nova Iguaçu do CEFET/RJ pautam-se em dois *ethos* coexistentes: um relacionado a movimentos de auto-afirmação pela luta empreendida pelo indivíduo, e outro associado a valores e anseios mais coletivistas. Nesse último caso, é notório o papel da família desses alunos na circunscrição das escolhas e caminhos tomados por eles.

As *narrativas de origem*, segundo eixo temático da análise de dados, procuraram dar visibilidade ao ponto de partida desses alunos: sua procedência em relação à localidade, às escolas anteriores ao CEFET/RJ e à família. Nas narrativas apresentadas, observou-se a tessitura de uma cisão identitária opondo dois universos simbólicos díspares. A Baixada Fluminense é construída discursivamente em torno de um referente “aqui” colocado em oposição a um “ali”, ou “lá embaixo”, rementendo à capital do Estado do Rio de Janeiro. Nessa cisão conceitual, “aqui” é caracterizado como o lugar das ausências, do descaso, do abandono, ao passo que “lá embaixo” é o reino das benesses e oportunidades. As escolas de origem, em especial as integrantes da rede estadual de ensino, são construídas sob os signos da precariedade, uma vez que não promovem sequer o mínimo esperado de uma instituição educacional: os estudos, preferencialmente de qualidade. Em oposição às escolas de origem, figura o CEFET/RJ como lócus de aquisição de hábitos diferentes das ações cotidianas nas escolas anteriores. O CEFET/RJ é construído, assim, como caminho que propiciará o afastamento da condição original dos alunos: as noções de precariedade e escassez atribuídas às escolas da região e à própria Baixada Fluminense são substituídas pelo valor da oportunidade de redescritção dessas noções em outras bases. Já a família, ente moral fundamental no seio das classes populares, figura como intuição responsável por apresentar às gerações mais jovens o valor da escolarização como forma de superar a condição herdada de precariedade. Não à toa, o ingresso dos alunos no CEFET/RJ é, por vezes, construído como um projeto tecido no âmbito familiar. A família é construída, também, como ente transmissor de outros *ethos*, tais como o da proteção/vigilância e do sustento e o da honra sustentada no tripé trabalho-conjugalidade-religião.

As cenas constituintes do terceiro eixo temático foram nomeadas *narrativas de (per)curso*. Considero esta a seção da análise de dados que apresenta uma

maior incidência de dispositivos formais de avaliação (ou metanarração) e, portanto, pode-se dizer que as narrativas de (per)curso são as mais performáticas em comparação aos demais eixos temáticos. Ao relatarem o caminho vivido dentro da UnED de Nova Iguaçu do CEFET/RJ, os alunos dramatizam as dificuldades e obstáculos enfrentados nesse percurso, especialmente em virtude da falta de base de conhecimentos advindos do Ensino Fundamental. O sacrifício experienciado é performado por meio do emprego de diversos recursos linguísticos, principalmente pela utilização de fonologia expressiva e de intensificadores. A rotina dos alunos da instituição, apresentada com verbos no presente do indicativo, é marcada pela retórica do martírio que leva à exaustão corpórea. Constroem-se as atividades dentro da escola como um acúmulo crescente e acelerado de afazeres o qual torna o tempo escasso. Em suas narrativas, os alunos parecem bastante cientes da necessidade de criarem mecanismos para superarem essas dificuldades, sob pena de serem submetidos às experiências da reprovação e da evasão escolar, vistas como indícios de fracasso nesse contexto específico. É interessante notar que essa performance do sacrifício nesse cotidiano de dificuldades de proporções tamanhas em nenhum momento constrói uma imagem negativa para a instituição. Em outras palavras, não se critica o CEFET/RJ pelo sofrimento proporcionado a esses alunos. A superação das dificuldades é construída discursivamente como uma performance de dedicação e obstinação que enobrece identitariamente esse aluno que “vai à luta” e vence as dificuldades diante dele colocadas. Já nas narrativas sobre reprovação ou evasão escolar, o que, no senso comum, seria interpretado como um sinal de fracasso é ressignificado pelos alunos em termos de aquisição de responsabilidade e amadurecimento. Considero que essa retórica do sacrifício e da dor que enobrecem o sujeito fundamenta-se no valor honroso atribuído à luta e à dedicação, típico de boa parte das camadas populares.

*As narrativas de mudança* tratam, fundamentalmente, da construção discursiva das trajetórias desses sujeitos antes e depois de tornarem-se alunos do CEFET/RJ e o que isso implica em termos de redescrição identitária. A dimensão da mudança é o indício mais notório da mobilidade identitária vivenciada por esses alunos, além de figurar como um valor emergente nos demais eixos temáticos, inclusive. Nessas narrativas, a entrada no CEFET/RJ é sempre construída como uma mudança positiva que confere um status mais elevado aos

alunos: veem-se como sujeitos mais amadurecidos e responsáveis, mudam de pensamentos, tornam-se um modelo a ser seguido, enfim, transformam-se em pessoas melhores. Em outras palavras, o trânsito pelo CEFET/RJ é construído em termos de migração identitária para melhor e de aquisição de um status prestigioso validado publicamente. A comunidade de origem reconhece, no aluno do CEFET/RJ, os mesmos signos sócio-historicamente atribuídos à instituição. O simples uso do uniforme escolar aciona uma espécie de kit identitário que confere ao aluno um conjunto de características prestigiosas: inteligência, dedicação, apreço aos estudos, exemplo de sucesso e notoriedade para as gerações mais jovens. Vale ressaltar que essa mudança nas trajetórias de vida desses alunos envolve um certo desenraizamento de sua condição original herdada. A escola de bairro, fechada e permeada pelo *ethos* da localidade, é substituída por um mundo novo, mais amplo e potencialmente transformador dos repertórios de conhecimento e do campo de possibilidades desses alunos. O CEFET/RJ é construído como lócus de acesso a enredos diferentes daqueles a que estavam acostumados esses alunos anteriormente. Nesse sentido, confere-se relevância ao papel desempenhado pelos professores da instituição, apresentados como evidências cabais de que o estudo é o caminho para a ascensão social. Mesmo a prosperidade material, performada no exemplo da professora que viajou para os Estados Unidos, é construída como resultado do investimento da educação formal contínua e permanente.

Por fim, o quinto e último eixo temático coloca em cena o futuro desses alunos fora das dependências da instituição, depois de já terem percorrido todo o caminho construído nos eixos temáticos anteriores. As *narrativas de destino* apontam que os caminhos a serem trilhados podem ser duvidosos, permeados de incertezas e inseguranças, mas também podem figurar como projetos relativamente planejados. As tensões relacionadas ao que o destino reserva para esses alunos estão ligadas, a meu ver, a uma coexistência de *ethos* própria das sociedades moderno-contemporâneas. No caso particular das narrativas aqui analisadas, os alunos participantes da pesquisa, como membros das camadas populares da Baixada Fluminense, vivenciam as ambiguidades de colocarem em vigor seus projetos, pautados em processos de auto-afirmação, sem se apartarem por completo de suas raízes locais.

A análise das narrativas dos alunos da UnED de Nova Iguaçu do CEFET/RJ em muito pode contribuir para a compreensão dos valores e crenças moralmente reconhecidos como válidos nessa instituição em particular, bem como na região geográfica em que está situada (a Baixada Fluminense). O projeto institucional do CEFET/RJ, desde suas origens, está vinculado a um ideal de modernização e de constituição de indivíduos que atendam a esse projeto modernizador. Por outro lado, parto da visão de que, ao ser inaugurado na Baixada Fluminense, o CEFET/RJ ressignifica-se, agrega novas vozes, incorpora novos valores. As narrativas aqui estudadas sugerem a coexistência de dois *ethos* particulares: de um lado, um *ethos* marcado por processos de individualização e auto-afirmação, propiciados, em especial, pelo investimento na educação escolarizada; de outro, um *ethos* de solidariedade local e de relacionalidade, tipicamente associado às classes populares. A educação, como processo civilizador e instaurador de novos discursos, inevitavelmente propicia uma migração identitária em relação à condição original herdada pela família e pela localidade. Por outro lado, a valorização atribuída à escolarização formal como meio de ascensão social é algo que se dá no próprio seio familiar. O desafio desses alunos residiria, então, na conciliação desses *ethos*: melhorar de vida, sem que isso signifique um afastamento total da relacionalidade local.

Considero que os alunos participantes da presente pesquisa pertencem a camadas sociais menos pauperizadas da Baixada Fluminense, cujos membros poderão, em algum momento, ascender às chamadas camadas médias. Entretanto, essa aquisição de uma condição social superior à de sua origem é construída como algo que não se dá sem renúncias e trabalho incansável; daí compreende-se o fato de situações desastrosas ou fracassadas, ou que envolvam extremo grau de dificuldade ou cansaço, serem ressignificadas como êxito: é a retórica do “plantar agora para colher depois”, do sacrifício que “vale a pena” porque realizado em nome de um bem maior: a possibilidade de aquisição de prestígio e de ascensão social por meio da educação em uma instituição renomada. Não pretendo, entretanto, pintar a imagem de uma Baixada Fluminense una, monolítica, onde todos os seus habitantes respondem por esse *ethos* de valorização da educação como meio de ascensão social. Para muitas famílias da região, a subida de nível na escala social pode ser valorizada por outros caminhos que não o da escolarização, ou pode nem ser uma questão a ser perseguida. Prefiro pensar em

termos de uma Baixada Fluminense plural, multifacetada, marcada pela dinâmica da coexistência. Nesse sentido é que minha pesquisa focaliza uma parcela específica desse universo plural chamado Baixada Fluminense: trata-se de um ramo social menos pauperizado que se percebe como em condições de proporcionar algum tipo de melhoria de vida para as gerações futuras. O acesso aos estudos, à educação de qualidade, é concebido como a via mais segura, honesta e digna de “subir de vida”.

Os dados da minha pesquisa parecem dimensionar a UnED de Nova Iguaçu do CEFET/RJ como uma espécie de microcosmo das transformações vivenciadas pela própria Baixada Fluminense em tempos mais recentes, a saber:

- a) a construção de um novo valor de indivíduo, circunscrito, entretanto, em trajetórias de classes populares;
- b) a tessitura de outras narrativas sobre a Baixada Fluminense, buscando-se uma crescente valorização e auto-afirmação da região e de seus habitantes, especialmente em termos simbólicos;
- c) um investimento de muitas famílias em projetos de ascensão social de seus descendentes via escolarização, sem que isso implique, necessariamente, um desenraizamento, um afastamento da localidade (um querer “subir na vida”, sem precisar “afastar-se de casa”).

Com relação aos alunos-narradores participantes do presente estudo, não posso deixar de destacar o perfil diferenciado que os caracteriza. Todos eles, de uma forma ou outra, são sujeitos engajados com a escola e suas atividades. Os membros do grêmio estudantil são bastante atuantes na instituição e, especialmente no que diz respeito aos problemas internos da escola, apresentam-se socialmente como pessoas questionadoras e conscientes do papel por eles ocupado. Os candidatos à bolsa de Iniciação Tecnológica buscavam uma participação dentro da escola a partir da inserção em práticas de pesquisa que, como resultado, os tornariam alunos com uma formação adicional àquela oferecida aos demais discentes. É provável que alguns candidatos estivessem ligeiramente mais interessados no auxílio financeiro propiciado pela bolsa (o que considero um interesse legítimo) que na prática de pesquisa em si, porém a preocupação em aprimorar seu currículo formativo e em contribuir com

conhecimentos para a própria instituição era notória na fala desses alunos. Manuela, por iniciativa própria, criou um projeto de extensão dentro da UnED cujo objetivo era oferecer aulas preparatórias para o processo seletivo do CEFET/RJ, destinadas a alunos de escolas públicas da região. A aluna considerava importante que a instituição atuasse, de forma mais direta, em benefício dos jovens moradores da redondezas e, motivada por, também, residir nas proximidade, montou o projeto, submeteu-o a apreciação ao Conselho de Extensão (na Unidade Maracanã) e articulou todos os procedimentos necessários para que o projeto entrasse em vigor. Joana, Raquel e Kátia, que não eram membros do grêmio estudantil nem candidatas a vaga de Iniciação Tecnológica, insistentemente pediram que eu as entrevistasse, pois, diziam, queriam muito contribuir com a minha pesquisa.

Esse perfil específico, de engajamento e participação ativa na escola, por parte dos alunos entrevistados pode, de alguma forma, ter sido decisivo na construção discursiva do CEFET/RJ, sempre apresentado de maneira tão positiva. Isso não implica dizer, entretanto, que as inteligibilidades emergentes deste estudo sejam distorcidas e impeditivas a que se chegue a considerações importantes quanto aos valores da comunidade em estudo. Dentro desse perfil de engajamento dos entrevistados, suas trajetórias de vida dentro e fora da instituição diferenciavam-se, uma vez que são entrecortadas por outras narrativas, marcas identitárias e afiliações ideológicas. Inegavelmente, caso os narradores fossem outros, as performances narrativas/identitárias também seriam construídas diferentemente. Da mesma forma, caso o contexto de geração de dados fosse outro, novos achados e interpretações seriam trazidos à baila. É preciso considerar, também, que todos os alunos entrevistados me conheciam dentro da escola como membro do corpo docente e eram sabedores de que esses dados de entrevista seriam parte do meu material de análise durante meus estudos de doutoramento. Em outras palavras, as performances narrativas/identitárias desses alunos eram construídas especificamente para mim.

As narrativas aqui estudadas podem ser entendidas como uma espécie de alento, um último lampejo de esperança aos muitos atores sociais direta ou indiretamente atuando no sistema educacional brasileiro. Cada vez mais, fala-se sobre a falência da educação no Brasil, especialmente a pública. Relatos de professores insatisfeitos com a profissão e com a baixa remuneração; índices

exponencialmente crescentes de repetência e evasão escolar; notícias sobre a precarização dos espaços escolares tanto no aspecto material quanto humano; manchetes sobre as distintas faces da violência nas escolas (seja pelo bullying, pelo tráfico de entorpecentes, pela entrada de armas de fogo no espaço escolar); insegurança, intranquilidade e descrença conduzindo as ações de professores e alunos. Em suma, um quadro devastador e de desesperança se instaura, proporcionando o desmoronamento de valores morais e crenças em torno da importância da educação e das escolas no mundo contemporâneo. As narrativas dos alunos da UnED de Nova Iguaçu do CEFET/RJ são uma voz dissonante frente ao coro de lamentos e descrédito de boa parte dos educadores brasileiros. Pode haver quem duvide disso, mas estamos diante de um contexto no qual os alunos, em grande maioria, amam a escola e têm profundo orgulho da instituição e das redes de sociabilidade e conhecimento nela construídas. Nesse sentido, a presente pesquisa também dá visibilidade a experiências bem sucedidas no campo educacional e a estudantes que ainda acreditam que a educação possa fazê-los melhorar de vida – por mais que os noticiários digam o contrário disso.

As lacunas de agora serão, em futuro breve, convertidas em novas questões de pesquisa. Durante a análise dos dados do presente trabalho, algumas indagações emergiram como resultado do próprio exercício de interpretação das narrativas orais, com base nos saberes e valores construídos nas práticas sociais cotidianas deste contexto particular. Interessou-me aprofundar, por exemplo, a possível relação entre os valores do trabalho, do sacrifício e do mérito individual com as moralidades religiosas de orientação cristã evangélica, típica de maior parte do alunado da UnED de Nova Iguaçu do CEFET/RJ. Intrigou-me, também, a invisibilidade das questões etnicorraciais nas narrativas desses alunos, considerando-se que quase metade do grupo entrevistado era negra ou não-branca. Em interlocuções com alunos da Unidade Maracanã (onde leciono atualmente) e com colegas professores, sugeriram que eu comparasse os valores sociais nas narrativas de alunos de outras unidades de ensino do sistema CEFET/RJ, a fim de verificar se há diferenças sensíveis entre os ensejos dos alunos em localidades sócio-geográficas diferentes. Também sugeriram que o mesmo empreendimento investigativo fosse feito com os professores da escola (seria a chegada ao CEFET/RJ também uma ascensão social para o professor?). Independente dos caminhos a serem percorridos, considero que a interface entre a análise micro da

performance narrativa/identitária e o olhar atento para a observação da vida social à luz análise antropológica deva continuar sendo a tônica dos próximos empreendimentos investigativos. Os movimentos de desestabilização, as heterogeneidades, os conflitos internos das narrativas, as ambiguidades, os posicionamentos morais dos narradores frente aos eventos narrados ganham visibilidade pelo esforço contínuo de se compreender as práticas sociais, sem deixar de lado a centralidade da linguagem.

Por fim, gostaria de salientar, uma vez mais, a forte imbricação entre a pesquisa aqui empreendida e a minha própria história de vida. Conforme buscava leituras sobre os temas aqui explorados e mergulhava na análise dos dados etnográficos e de entrevistas, via minha própria vida sendo relida e reconstruída à minha frente. Reconheço nos valores erguidos pelos alunos participantes dessa pesquisa muitas das minhas próprias crenças, construídas no universo das classes populares da Baixada Fluminense desde os tempos de menina até os dias atuais. Fiz da UnED de Nova Iguaçu do CEFET/RJ a minha própria casa. Estando eu em permanente estado etnográfico, fui convidada a refletir sobre a relevância que esse *ethos* de valorização da educação como meio de ascensão social assume na minha família e na constituição da minha própria identidade social. Hoje, percebo-me como uma igual, em diversos aspectos, a esses alunos da UnED de Nova Iguaçu do CEFET/RJ: somos todos mulatos, nordestinos e pobres (mas não miseráveis) buscando, pela via da educação, construir uma bela narrativa para nossas vidas, famílias e localidade. Talvez isso justifique o intenso afeto que tenho por essa escola. Talvez isso explique o dilema vivido por mim quando fui convidada para coordenar a Pós-Graduação *Lato Sensu* do CEFET/RJ, o que me obrigaria a pedir transferência para a Unidade Maracanã e não mais atuar na UnED de Nova Iguaçu. Talvez isso dê um contorno ainda mais interessante aos rumos dessa pesquisa (na verdade, uma meta-pesquisa) que, almejando dar visibilidade a uma camada social que vislumbra na educação um “outro futuro”, acaba caracterizando-se, também, como um empreendimento auto-etnográfico. Assim, nossos enredos e trajetórias de vida vão se entrelaçando no trânsito entre o resgate do passado, a construção do presente e a projeção de um futuro a conquistar. Volte sempre, a casa é sua!